



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Bueno Lino Oliveira, José
Corpo, consciência e psicologia
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 10, núm. 1, 1997, pp. 95-107
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18810110>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Corpo, consciência e psicologia

José Lino Oliveira Bueno¹

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Resumo

Vários sistemas teóricos em ciências humanas não dissociam a característica biológica das características particularmente humanas. Um filósofo fenomenólogo ao examinar os fenômenos da consciência (Merleau-Ponty), um psicólogo marxista ao considerar os determinantes sociais da consciência humana (Luria) ou um epistemólogo cognitivista ao examinar o desenvolvimento da inteligência (Piaget) não só não desprezam os determinantes biológicos do psiquismo, mas, ainda, consideram que para se ter acesso a estes fenômenos chamados de ordem superior é preciso que se leve em conta o organismo nos seus componentes biológicos.

Palavras chave: Ciências humanas, fenomenologia.

Body, consciousness and psychology

Abstract

Human science does not necessarily dissociate biological and specific human characteristics. Several theoretical systems were reviewed: the phenomena of consciousness examined by phenomenologist Merleau-Ponty; the social determinants of human consciousness examined by the Marxist neuropsychologist Luria; the development of intelligence examined by cognitive epistemologist Piaget. These authors did not discard the biological determinants of the consciousness and considered that access to higher order phenomena is possible only involving the biological components of the organism.

Key words: Human science, phenomenology

O homem é um ser que pensa, tem consciência e se move num contexto cultural, social, histórico. A Psicologia tem se dedicado com grande ênfase a fenômenos denominados como de consciência, cognitivos ou sociais. Mesmo da parte da psicologia experimental estes fenômenos têm sido cada vez mais objeto de preocupação de um grande número de pesquisadores.

Ao mesmo tempo, no entanto, a afirmação de que o homem é um ser que pensa, tem consciência e se move num contexto social, cultural, histórico tem significado, em inúmeros

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

cursos de psicologia e para diversos grupos de psicólogos e não-psicólogos, uma posição de confronto, de conflito: não raramente, se se contrapõe o fato do homem ser um ser consciente, pensante, social a uma biologia do comportamento e a uma compreensão científica do comportamento humano.

2. O que estaria justificando esta aparente dicotomização dificultando a assimilação de um aspecto a outro da análise psicológica? É claro que os psicólogos e pesquisadores, por contingências históricas e culturais, conservam marcadas, ainda, as distinções entre corpo e alma - apesar de todo avanço do conhecimento - que nos arrastam com freqüência a fazer a divisão entre o que se vê e o que não se vê no homem. A nível de formação do psicólogo, a compartimentação estanque das disciplinas do currículo leva o aluno a examinar separadamente os determinantes biológicos, fisiológicos, neuroanatômicos dos determinantes psicológicos. Raras são as oportunidades oferecidas ao aluno para exercitar uma análise de interação destes componentes explicativos do comportamento. E se se quiser fazer esta análise de interação, as dificuldades são enormes, uma vez que a formação biológica e epistemológica exigidas para esta tarefa é limitada, tanto para o aluno, como, com muita freqüência, para o professor também.

Com esta dicotomização entre níveis mais elementares fisiológicos e níveis mais complexos e "humanos" do estudo do comportamento, pode estar se reproduzindo apenas uma atitude, encontrada com freqüência na pesquisa psicológica. Como se se pudesse separar - como comenta A. Luria -, de um lado o enfoque científico natural dos fenômenos, "como a tarefa de explicar os processos psíquicos limitando-se de fato a examinar os fenômenos complexos e especificamente humanos da atividade consciente"; de outro lado, tomando-se "como objeto de análise justamente esses fenômenos exteriores da atividade consciente e especificamente humanos, limitando-se, porém, a descrição das manifestações subjetivas de tais fenômenos, considerando-os manifestações de espírito e recusando-se a dar aos mesmos o enfoque científico causal" (Luria, 1979, p. 6). Já se fez muito disto em psicologia e o exame de currículos atuais de formação de psicólogo pode confirmar esta observação.

Diante deste quadro as tentativas de modificação não são fáceis. As pressões de ordem profissional e as dificuldades de encontrar uma saída rapidamente levam o aluno a optar, em geral, por uma abordagem (ou técnica, simplesmente) ou a se engajar no primeiro *ismo* que lhe cai em mãos. E estes proliferam e têm tido livre trânsito nas escolas e ambientes acadêmicos: seja biologismo, como sociologismo, cognitivismo, humanismo, etc. Diante do conflito, apela-se para os reducionismos. Há os que julgam, ainda, poder reduzir toda a complexidade do comportamento humano às possibilidades dos instrumentos de análise do comportamento de animais inferiores. Mas há também os que pretendem reduzir os fenômenos psicológicos às explicações de uma psicologia filosófica. Outros, ainda, insistem no sociologismo que faz com que os determinantes sociais se sobreponham e anulem no homem a herança filogenética.

3. É claro que questão tão ampla e complexa exigiria um exame tão exaustivo que não caberia num artigo.

No entanto, acredito que vale a pena- eliminando em princípio da minha parte qualquer tentativa de biologismo - examinar se o reconhecimento da importância da atividade consciente e pensante do homem e das suas características sociais e históricas pressupõe ou exige o enfraquecimento do enfoque biológico da psicologia humana. É possível ter acesso adequado e suficiente aos fenômenos de consciência, cognitivos e sociais envolvidos na psicologia humana, ignorando qualquer consideração de ordem biológica? É possível se definir um espaço onde fenômenos de consciência, cognitivos e sociais se coloquem em estreita ligação com o organismo, entendido como corpo físico, sem cairmos em reducionismos de parte a parte?

Acredito que as possibilidades de interação poderiam ser exploradas - sem pretender aqui ser completo - a partir de alguns autores contemporâneos. Parece importante hoje que o psicólogo ouça e examine especialmente formulações de estudiosos de psicologia que têm fortes compromissos com a abordagem destes fenômenos de consciência, cognitivos e sociais. Neste

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

artigo procuro examinar três autores que podem nos ajudar a esclarecer um pouco mais estas questões.

4. Qual o tratamento que a Fenomenologia - filosofia invocada com tanta freqüência pelos psicólogos humanistas ou fenomenólogos - oferece aos fenômenos da consciência?

A Fenomenologia rejeita os métodos tradicionais de introspecção como forma de acesso aos fenômenos da consciência e combate o subjetivismo e relativismo. O introspecccionismo, de um lado, busca uma vivência interior, procura ter acesso à interioridade do indivíduo, em contraposição à vivência exterior, fazendo desta forma o psiquismo existir de maneira diferente do orgânico. A fenomenologia, por outro lado, apresenta a estrutura da consciência enquanto intencionalidade, a consciência é "consciência de...". Não há dicotomia possível entre o eu e o mundo. O mundo não é algo exterior, mas é afirmado como "meio". O eu não é interioridade, mas é afirmado como "existente" no mundo (Lyotard, 1967, p. 58). "Não existe o homem interior, o homem é no mundo", e, a verdade, portanto, não se encontra num suposto homem interior, mas "é no mundo que ele se conhece" (Merleau-Ponty, 1954; citado em Lyotard, 1967, p. 58).

Para o introspecccionismo a vivência da consciência constitui por si mesmo um saber da consciência. Estou assustado, sei o que é o medo. A vivência se dá imediatamente com seu sentido. Há uma transparência. Para a fenomenologia, ao contrário, o método de abordagem exige uma reflexão: uma retomada descritiva da própria vivência para a consciência atual. Assim, por exemplo, estou assustado, sei que tenho medo, não sei ainda o que é o medo. Este método de reflexão, esta retomada necessária da vivência permite ao fenomenólogo superar a barreira intransponível para o introspecccionista da vivência individual, que não pode ser reproduzida.

Esta maneira de entender a consciência pela fenomenologia a torna uma categoria irreconciliável com o corpo? O filósofo fenomenólogo Merleau-Ponty rejeita a tese de Sartre de que não há união possível entre o corpo objetivo estudado pelo filósofo e minha consciência. Merleau-Ponty aceita o debate no nível da própria fisiologia. Como profundo conhecedor da ciência biológica de sua época, Merleau-Ponty se propõe a fazer uma análise dos dados experimentais e principalmente clínicos da patologia nervosa e mental. Para ele "o corpo, que interessa ao filósofo, é este corpo objeto de solicitude por parte do biólogo e do médico, nunca um corpo vazio de substância. Contudo este corpo é, ao mesmo tempo, o corpo sujeito de uma existência a que está indissoluvelmente ligado, é o corpo próprio de um indivíduo, centro de um universo pessoal" (Gusdorf, 1960, p. 264). "A anatomia do corpo não deve ser compreendida como totalidade fechada sobre si, que um belo dia esbarra num universo intrinsecamente diferente dela. (...) O corpo só existe como suporte e medianeiro de uma vida que, mediante ele, abarca o mundo inteiro." (Gusdorf, 1960, p. 265). "O corpo exprime a existência total, não porque seja acompanhamento exterior dela, mas porque ela, existência, se realiza nele." (Merleau-Ponty, 1945; citado em Gusdorf, 1960, p. 265).

Consciência e Corpo não são categorias irreconciliáveis. Pelo contrário, se "não posso apreender meu corpo fora de seu impulso para o mundo", também "não posso apreender o mundo (como ser consciente) fora do impulso de meu corpo, que faz uma leitura do mesmo mundo em função de suas possibilidades próprias." (Gusdorf, 1960, p. 266).

Para dar conta desta proposta, a fenomenologia não rejeita ou se contrapõe à ciência experimental. Para a filosofia fenomenológica, como movimento histórico, "uma poderosa confiança na ciência impulsiona a vontade de assentar solidamente sobre ela os seus andaimes, a fim de estabilizar todo seu edifício e impedir uma nova crise" de subjetivismo e irracionalismo como a vivida na passagem do século. "Mas para completar tal operação é necessário também sair da própria ciência" e mergulhar na essência da consciência do "dado imediato anterior a qualquer tematização científica". (Lyotard, 1967, p. 9 e 10)

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Assim fazendo, a fenomenologia não tenta substituir as ciências do homem, mas ajustar sua problemática, selecionando seus resultados e reorientando sua pesquisa. A fenomenologia "procura definir eideticamente seu objeto" (por variação imaginária), "anteriormente a toda experimentação" e "uma retomada filosófica dos resultados da experimentação." (Lyotard, 1967, p. 52)

5. Vigotsky e, depois, Luria (1979), dois cientistas russos, este membro da Academia de Ciências de Moscou, acreditavam que é preciso superar a crise gerada pela dicotomização da psicologia entre processos psicológicos elementares 'versus' fenômenos complexos e humanos da consciência.

As raízes do surgimento da atividade consciente do homem não devem ser procuradas nas peculiaridades da alma nem no íntimo do organismo humano mas nas condições sociais da vida historicamente formada. O psiquismo não se reduz nem a uma forma de existência do espírito, - objeto de uma psicologia filosófica - nem se reduz a uma função imediata do cérebro, objeto de um fisiologismo.

As peculiaridades da forma superior de vida, inerente apenas ao homem, devem ser procuradas na forma histórica- social de atividade, que está relacionada como o trabalho social, com o emprego dos instrumentos de trabalho e com o surgimento da linguagem. No homem há uma nova fonte formadora de atividade: a transmissão e assimilação da experiência de toda a humanidade, acumulada no processo da história social e transmissível no processo de aprendizagem.

O reconhecimento da importância das condições sociais não implica no esquecimento dos mecanismos cerebrais e de qualquer referência biológica. As formas superiores de atividade de consciência humana, que se explicam e têm sua origem na evolução de sociedade, se desenvolvem no cérebro e devem ser analisadas científicamente.

A tarefa da psicologia, então, deve ser "estabelecer as leis da sensação e percepção humana, regular os processos de atenção e memorização, de realização do pensamento lógico, formação das necessidades complexas e da personalidade, considerando todos estes fenômenos como produtos da história social", mas "sem separar este estudo da análise dos mecanismos fisiológicos que lhes servem de base". (Luria, 1979, p. 7).

A psicologia deve se desenvolver em estreita ligação com uma biologia. Diz Luria (1979) que sem o conhecimento "dos princípios biológicos gerais de adaptação não se pode assegurar nenhuma compreensão nítida das peculiaridades do comportamento dos animais e qualquer tentativa de interpretar as complexas formas de atividade psíquica do homem perderá sua base biológica. Eis porque é absolutamente necessário para a psicologia científica levar em conta as leis básicas da biologia e novas partes delas" como a ecologia e a etologia. A psicologia deve, ainda, conforme Luria, desenvolver-se em estreita ligação com a fisiologia. Diz ele que "o êxito do desenvolvimento da psicologia depende grandemente da correta compreensão da correlação dessas duas ciências, "psicologia e fisiologia", e tanto o desconhecimento de fisiologia como a tentativa de reduzir a psicologia à fisiologia retardariam o desenvolvimento da ciência psicológica". (Luria, 1979, p. 10). Ocupam espaço como parte da psicologia, entre outras a psicologia animal, psicofisiologia, a neurofisiologia. Assim, o comportamento não se explica apenas pela consideração das condições sociais de vida, mas também pelos programas de comportamento consolidados por via hereditária, jacentes no genótipo, e pela influência da experiência passada do próprio indivíduo, estes, fatores tipicamente psicobiológicos.

Assim, Luria, preocupado em redefinir os rumos de psicologia visando à compreensão do homem como ser social e histórico não despreza a fisiologia e a biologia, pelo contrário, afirma que a compreensão dos fenômenos de consciência deste ser socialmente determinado é falha se se negligenciar suas bases biológicas.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

6. Com Piaget temos um modelo de convivência e interação, no trato dos fenômenos psicológicos, entre processos chamados superiores e a biologia. Como Piaget identifica as relações entre a estrutura orgânica e a estrutura cognitiva, do conhecimento?

Piaget (1973) se apoia numa hipótese de que o conhecimento é um aspecto mais especializado e cada vez mais diferenciado de um processo de equilíbrio que ocorre no desenvolvimento e na formação orgânica ou vital. O conhecimento não é uma simples cópia do real mas implica numa organização interna: como tal é uma assimilação às variações fenotípicas decorrentes das interações entre o genoma e o meio.

O conhecimento é entendido principalmente como organização de informação dentro de um sistema de transformações que visam à resolução de problemas nas trocas com o meio e, portanto, visa ao processo adaptativo. O aparelho de conhecimento humano se realiza como as outras funções orgânicas; formado filogeneticamente, tem suas características específicas como resultados da confrontação entre o organismo e o meio.

Mas, estas ligações possíveis entre a organização biológica e do conhecimento, particularmente entre as regulações orgânicas e os sistemas reguladores cognitivos com o seu equilíbrio progressivo não justificam um reducionismo biológico.

"A inteligência não surge no auge 'de um processo', como se já estivesse contida no organismo, nem tão pouco evolui em linha reta a partir de mecanismos elementares, que seriam assim pré-formados nos sistemas nervosos e genéticos, mas, antes se constrói pouco a pouco, degrau a degrau, cada um destes estádios começando por uma reconstrução atual do que fora adquirido, no nível anterior, a um outro plano. (...) O que foi construído no plano sensório-motor deve, em seguida, ser reconstruído e ultrapassado pelo da representação ou pensamento (porque é completamente diferente saber executar uma ação e poder retráçá-la em pensamento) e, no próprio campo, o que começa sob a forma de operações concretas referentes diretamente a objetos só mais tarde é transportado para o plano da reflexão abstrata, etc." (Piaget, 1975, p. 43 e 44).

Assim, a estrutura mental é explicada hipoteticamente por um modelo de caráter lógico-matemático que comporta um dinamismo biológico. Falar em dinamismo biológico e caráter lógico-matemático, para Piaget não é mais que uma separação de linguagem para explicar um conjunto só, implicado na estrutura mental.

As funções cognitivas, assim, prolongam as regulações orgânicas e constituem um órgão diferenciado de regulação das trocas com o meio.

7. Há diferenças essenciais e seria ingênuo qualquer pretensão de ecletismo, juntando um fenomenólogo, um psicofisiólogo de orientação marxista e um cognitivista. Como também foge aos objetivos deste trabalho estender-se nas diferenças destes enfoques.

O que pudemos verificar, entretanto, é que um filósofo fenomenólogo ao examinar os fenômenos da consciência, um psicofisiólogo ao examinar os determinantes sociais de consciência humana, ou um epistemólogo cognitivista ao examinar o processo de conhecimento não precisam desprezar os determinantes bioológicos do psiquismo.

E não é que busquem simplesmente os correlatos fisiológicos dos fenômenos de consciência, cognição e sociais. Mais que isto, estes autores mostram que para se ter acesso a estes fenômenos chamados de origem superior é preciso que se leve em conta o organismo nos seus componentes biológicos.

Na verdade, estes autores cobram uma formação biológica sólida daquele psicólogo que busca compreender a consciência humana, naquilo que ela tem de mais próprio.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Referências

- Gusdorf, G. (1960). *Tratado de Metafísica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Luria, A.R. (1979). *Curso de Psicologia Geral* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lyotard, J.F. (1967). *A Fenomenologia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la Perception*. Paris: N.R.F..
- Piaget, J. (1973). *Biologia e Conhecimento*. Petrópolis: Vozes.
- Piaget, J. (1975). *A Psicologia*. Lisboa: Livraria Bertrand.

¹ Endereço para correspondência: USP - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Departamento de Psicologia e Educação, Av. dos Bandeirantes, 3900 - 14040-901 Ribeirão Preto, SP.

Corpo, consciência e psicologia

José Lino Oliveira Bueno¹

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Resumo

Vários sistemas teóricos em ciências humanas não dissociam a característica biológica das características particularmente humanas. Um filósofo fenomenólogo ao examinar os fenômenos da consciência (Merleau-Ponty), um psicólogo marxista ao considerar os determinantes sociais da consciência humana (Luria) ou um epistemólogo cognitivista ao examinar o desenvolvimento da inteligência (Piaget) não só não desprezam os determinantes biológicos do psiquismo, mas, ainda, consideram que para se ter acesso a estes fenômenos chamados de ordem superior é preciso que se leve em conta o organismo nos seus componentes biológicos.

Palavras chave: Ciências humanas, fenomenologia.

Body, consciousness and psychology

Abstract

Human science does not necessarily dissociate biological and specific human characteristics. Several theoretical systems were reviewed: the phenomena of consciousness examined by phenomenologist Merleau-Ponty; the social determinants of human consciousness examined by the Marxist neuropsychologist Luria; the development of intelligence examined by cognitive epistemologist Piaget. These authors did not discard the biological determinants of the consciousness and considered that access to higher order phenomena is possible only involving the biological components of the organism.

Key words: Human science, phenomenology

O homem é um ser que pensa, tem consciência e se move num contexto cultural, social, histórico. A Psicologia tem se dedicado com grande ênfase a fenômenos denominados como de consciência, cognitivos ou sociais. Mesmo da parte da psicologia experimental estes fenômenos têm sido cada vez mais objeto de preocupação de um grande número de pesquisadores.

Ao mesmo tempo, no entanto, a afirmação de que o homem é um ser que pensa, tem consciência e se move num contexto social, cultural, histórico tem significado, em inúmeros

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

cursos de psicologia e para diversos grupos de psicólogos e não-psicólogos, uma posição de confronto, de conflito: não raramente, se se contrapõe o fato do homem ser um ser consciente, pensante, social a uma biologia do comportamento e a uma compreensão científica do comportamento humano.

2. O que estaria justificando esta aparente dicotomização dificultando a assimilação de um aspecto a outro da análise psicológica? É claro que os psicólogos e pesquisadores, por contingências históricas e culturais, conservam marcadas, ainda, as distinções entre corpo e alma - apesar de todo avanço do conhecimento - que nos arrastam com freqüência a fazer a divisão entre o que se vê e o que não se vê no homem. A nível de formação do psicólogo, a compartimentação estanque das disciplinas do currículo leva o aluno a examinar separadamente os determinantes biológicos, fisiológicos, neuroanatômicos dos determinantes psicológicos. Raras são as oportunidades oferecidas ao aluno para exercitar uma análise de interação destes componentes explicativos do comportamento. E se se quiser fazer esta análise de interação, as dificuldades são enormes, uma vez que a formação biológica e epistemológica exigidas para esta tarefa é limitada, tanto para o aluno, como, com muita freqüência, para o professor também.

Com esta dicotomização entre níveis mais elementares fisiológicos e níveis mais complexos e "humanos" do estudo do comportamento, pode estar se reproduzindo apenas uma atitude, encontrada com freqüência na pesquisa psicológica. Como se se pudesse separar - como comenta A. Luria -, de um lado o enfoque científico natural dos fenômenos, "como a tarefa de explicar os processos psíquicos limitando-se de fato a examinar os fenômenos complexos e especificamente humanos da atividade consciente"; de outro lado, tomando-se "como objeto de análise justamente esses fenômenos exteriores da atividade consciente e especificamente humanos, limitando-se, porém, a descrição das manifestações subjetivas de tais fenômenos, considerando-os manifestações de espírito e recusando-se a dar aos mesmos o enfoque científico causal" (Luria, 1979, p. 6). Já se fez muito disto em psicologia e o exame de currículos atuais de formação de psicólogo pode confirmar esta observação.

Diante deste quadro as tentativas de modificação não são fáceis. As pressões de ordem profissional e as dificuldades de encontrar uma saída rapidamente levam o aluno a optar, em geral, por uma abordagem (ou técnica, simplesmente) ou a se engajar no primeiro *ismo* que lhe cai em mãos. E estes proliferam e têm tido livre trânsito nas escolas e ambientes acadêmicos: seja biologismo, como sociologismo, cognitivismo, humanismo, etc. Diante do conflito, apela-se para os reducionismos. Há os que julgam, ainda, poder reduzir toda a complexidade do comportamento humano às possibilidades dos instrumentos de análise do comportamento de animais inferiores. Mas há também os que pretendem reduzir os fenômenos psicológicos às explicações de uma psicologia filosófica. Outros, ainda, insistem no sociologismo que faz com que os determinantes sociais se sobreponham e anulem no homem a herança filogenética.

3. É claro que questão tão ampla e complexa exigiria um exame tão exaustivo que não caberia num artigo.

No entanto, acredito que vale a pena- eliminando em princípio da minha parte qualquer tentativa de biologismo - examinar se o reconhecimento da importância da atividade consciente e pensante do homem e das suas características sociais e históricas pressupõe ou exige o enfraquecimento do enfoque biológico da psicologia humana. É possível ter acesso adequado e suficiente aos fenômenos de consciência, cognitivos e sociais envolvidos na psicologia humana, ignorando qualquer consideração de ordem biológica? É possível se definir um espaço onde fenômenos de consciência, cognitivos e sociais se coloquem em estreita ligação com o organismo, entendido como corpo físico, sem cairmos em reducionismos de parte a parte?

Acredito que as possibilidades de interação poderiam ser exploradas - sem pretender aqui ser completo - a partir de alguns autores contemporâneos. Parece importante hoje que o psicólogo ouça e examine especialmente formulações de estudiosos de psicologia que têm fortes compromissos com a abordagem destes fenômenos de consciência, cognitivos e sociais. Neste

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

artigo procuro examinar três autores que podem nos ajudar a esclarecer um pouco mais estas questões.

4. Qual o tratamento que a Fenomenologia - filosofia invocada com tanta freqüência pelos psicólogos humanistas ou fenomenólogos - oferece aos fenômenos da consciência?

A Fenomenologia rejeita os métodos tradicionais de introspecção como forma de acesso aos fenômenos da consciência e combate o subjetivismo e relativismo. O introspecccionismo, de um lado, busca uma vivência interior, procura ter acesso à interioridade do indivíduo, em contraposição à vivência exterior, fazendo desta forma o psiquismo existir de maneira diferente do orgânico. A fenomenologia, por outro lado, apresenta a estrutura da consciência enquanto intencionalidade, a consciência é "consciência de...". Não há dicotomia possível entre o eu e o mundo. O mundo não é algo exterior, mas é afirmado como "meio". O eu não é interioridade, mas é afirmado como "existente" no mundo (Lyotard, 1967, p. 58). "Não existe o homem interior, o homem é no mundo", e, a verdade, portanto, não se encontra num suposto homem interior, mas "é no mundo que ele se conhece" (Merleau-Ponty, 1954; citado em Lyotard, 1967, p. 58).

Para o introspecccionismo a vivência da consciência constitui por si mesmo um saber da consciência. Estou assustado, sei o que é o medo. A vivência se dá imediatamente com seu sentido. Há uma transparência. Para a fenomenologia, ao contrário, o método de abordagem exige uma reflexão: uma retomada descritiva da própria vivência para a consciência atual. Assim, por exemplo, estou assustado, sei que tenho medo, não sei ainda o que é o medo. Este método de reflexão, esta retomada necessária da vivência permite ao fenomenólogo superar a barreira intransponível para o introspecccionista da vivência individual, que não pode ser reproduzida.

Esta maneira de entender a consciência pela fenomenologia a torna uma categoria irreconciliável com o corpo? O filósofo fenomenólogo Merleau-Ponty rejeita a tese de Sartre de que não há união possível entre o corpo objetivo estudado pelo filósofo e minha consciência. Merleau-Ponty aceita o debate no nível da própria fisiologia. Como profundo conhecedor da ciência biológica de sua época, Merleau-Ponty se propõe a fazer uma análise dos dados experimentais e principalmente clínicos da patologia nervosa e mental. Para ele "o corpo, que interessa ao filósofo, é este corpo objeto de solicitude por parte do biólogo e do médico, nunca um corpo vazio de substância. Contudo este corpo é, ao mesmo tempo, o corpo sujeito de uma existência a que está indissoluvelmente ligado, é o corpo próprio de um indivíduo, centro de um universo pessoal" (Gusdorf, 1960, p. 264). "A anatomia do corpo não deve ser compreendida como totalidade fechada sobre si, que um belo dia esbarra num universo intrinsecamente diferente dela. (...) O corpo só existe como suporte e medianeiro de uma vida que, mediante ele, abarca o mundo inteiro." (Gusdorf, 1960, p. 265). "O corpo exprime a existência total, não porque seja acompanhamento exterior dela, mas porque ela, existência, se realiza nele." (Merleau-Ponty, 1945; citado em Gusdorf, 1960, p. 265).

Consciência e Corpo não são categorias irreconciliáveis. Pelo contrário, se "não posso apreender meu corpo fora de seu impulso para o mundo", também "não posso apreender o mundo (como ser consciente) fora do impulso de meu corpo, que faz uma leitura do mesmo mundo em função de suas possibilidades próprias." (Gusdorf, 1960, p. 266).

Para dar conta desta proposta, a fenomenologia não rejeita ou se contrapõe à ciência experimental. Para a filosofia fenomenológica, como movimento histórico, "uma poderosa confiança na ciência impulsiona a vontade de assentar solidamente sobre ela os seus andaimes, a fim de estabilizar todo seu edifício e impedir uma nova crise" de subjetivismo e irracionalismo como a vivida na passagem do século. "Mas para completar tal operação é necessário também sair da própria ciência" e mergulhar na essência da consciência do "dado imediato anterior a qualquer tematização científica". (Lyotard, 1967, p. 9 e 10)

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Assim fazendo, a fenomenologia não tenta substituir as ciências do homem, mas ajustar sua problemática, selecionando seus resultados e reorientando sua pesquisa. A fenomenologia "procura definir eideticamente seu objeto" (por variação imaginária), "anteriormente a toda experimentação" e "uma retomada filosófica dos resultados da experimentação." (Lyotard, 1967, p. 52)

5. Vigotsky e, depois, Luria (1979), dois cientistas russos, este membro da Academia de Ciências de Moscou, acreditavam que é preciso superar a crise gerada pela dicotomização da psicologia entre processos psicológicos elementares 'versus' fenômenos complexos e humanos da consciência.

As raízes do surgimento da atividade consciente do homem não devem ser procuradas nas peculiaridades da alma nem no íntimo do organismo humano mas nas condições sociais da vida historicamente formada. O psiquismo não se reduz nem a uma forma de existência do espírito, - objeto de uma psicologia filosófica - nem se reduz a uma função imediata do cérebro, objeto de um fisiologismo.

As peculiaridades da forma superior de vida, inerente apenas ao homem, devem ser procuradas na forma histórica- social de atividade, que está relacionada como o trabalho social, com o emprego dos instrumentos de trabalho e com o surgimento da linguagem. No homem há uma nova fonte formadora de atividade: a transmissão e assimilação da experiência de toda a humanidade, acumulada no processo da história social e transmissível no processo de aprendizagem.

O reconhecimento da importância das condições sociais não implica no esquecimento dos mecanismos cerebrais e de qualquer referência biológica. As formas superiores de atividade de consciência humana, que se explicam e têm sua origem na evolução de sociedade, se desenvolvem no cérebro e devem ser analisadas científicamente.

A tarefa da psicologia, então, deve ser "estabelecer as leis da sensação e percepção humana, regular os processos de atenção e memorização, de realização do pensamento lógico, formação das necessidades complexas e da personalidade, considerando todos estes fenômenos como produtos da história social", mas "sem separar este estudo da análise dos mecanismos fisiológicos que lhes servem de base". (Luria, 1979, p. 7).

A psicologia deve se desenvolver em estreita ligação com uma biologia. Diz Luria (1979) que sem o conhecimento "dos princípios biológicos gerais de adaptação não se pode assegurar nenhuma compreensão nítida das peculiaridades do comportamento dos animais e qualquer tentativa de interpretar as complexas formas de atividade psíquica do homem perderá sua base biológica. Eis porque é absolutamente necessário para a psicologia científica levar em conta as leis básicas da biologia e novas partes delas" como a ecologia e a etologia. A psicologia deve, ainda, conforme Luria, desenvolver-se em estreita ligação com a fisiologia. Diz ele que "o êxito do desenvolvimento da psicologia depende grandemente da correta compreensão da correlação dessas duas ciências, "psicologia e fisiologia", e tanto o desconhecimento de fisiologia como a tentativa de reduzir a psicologia à fisiologia retardariam o desenvolvimento da ciência psicológica". (Luria, 1979, p. 10). Ocupam espaço como parte da psicologia, entre outras a psicologia animal, psicofisiologia, a neurofisiologia. Assim, o comportamento não se explica apenas pela consideração das condições sociais de vida, mas também pelos programas de comportamento consolidados por via hereditária, jacentes no genótipo, e pela influência da experiência passada do próprio indivíduo, estes, fatores tipicamente psicobiológicos.

Assim, Luria, preocupado em redefinir os rumos de psicologia visando à compreensão do homem como ser social e histórico não despreza a fisiologia e a biologia, pelo contrário, afirma que a compreensão dos fenômenos de consciência deste ser socialmente determinado é falha se se negligenciar suas bases biológicas.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

6. Com Piaget temos um modelo de convivência e interação, no trato dos fenômenos psicológicos, entre processos chamados superiores e a biologia. Como Piaget identifica as relações entre a estrutura orgânica e a estrutura cognitiva, do conhecimento?

Piaget (1973) se apoia numa hipótese de que o conhecimento é um aspecto mais especializado e cada vez mais diferenciado de um processo de equilíbrio que ocorre no desenvolvimento e na formação orgânica ou vital. O conhecimento não é uma simples cópia do real mas implica numa organização interna: como tal é uma assimilação às variações fenotípicas decorrentes das interações entre o genoma e o meio.

O conhecimento é entendido principalmente como organização de informação dentro de um sistema de transformações que visam à resolução de problemas nas trocas com o meio e, portanto, visa ao processo adaptativo. O aparelho de conhecimento humano se realiza como as outras funções orgânicas; formado filogeneticamente, tem suas características específicas como resultados da confrontação entre o organismo e o meio.

Mas, estas ligações possíveis entre a organização biológica e do conhecimento, particularmente entre as regulações orgânicas e os sistemas reguladores cognitivos com o seu equilíbrio progressivo não justificam um reducionismo biológico.

"A inteligência não surge no auge 'de um processo', como se já estivesse contida no organismo, nem tão pouco evolui em linha reta a partir de mecanismos elementares, que seriam assim pré-formados nos sistemas nervosos e genéticos, mas, antes se constrói pouco a pouco, degrau a degrau, cada um destes estádios começando por uma reconstrução atual do que fora adquirido, no nível anterior, a um outro plano. (...) O que foi construído no plano sensório-motor deve, em seguida, ser reconstruído e ultrapassado pelo da representação ou pensamento (porque é completamente diferente saber executar uma ação e poder retráçá-la em pensamento) e, no próprio campo, o que começa sob a forma de operações concretas referentes diretamente a objetos só mais tarde é transportado para o plano da reflexão abstrata, etc." (Piaget, 1975, p. 43 e 44).

Assim, a estrutura mental é explicada hipoteticamente por um modelo de caráter lógico-matemático que comporta um dinamismo biológico. Falar em dinamismo biológico e caráter lógico-matemático, para Piaget não é mais que uma separação de linguagem para explicar um conjunto só, implicado na estrutura mental.

As funções cognitivas, assim, prolongam as regulações orgânicas e constituem um órgão diferenciado de regulação das trocas com o meio.

7. Há diferenças essenciais e seria ingênuo qualquer pretensão de ecletismo, juntando um fenomenólogo, um psicofisiólogo de orientação marxista e um cognitivista. Como também foge aos objetivos deste trabalho estender-se nas diferenças destes enfoques.

O que pudemos verificar, entretanto, é que um filósofo fenomenólogo ao examinar os fenômenos da consciência, um psicofisiólogo ao examinar os determinantes sociais de consciência humana, ou um epistemólogo cognitivista ao examinar o processo de conhecimento não precisam desprezar os determinantes bioológicos do psiquismo.

E não é que busquem simplesmente os correlatos fisiológicos dos fenômenos de consciência, cognição e sociais. Mais que isto, estes autores mostram que para se ter acesso a estes fenômenos chamados de origem superior é preciso que se leve em conta o organismo nos seus componentes biológicos.

Na verdade, estes autores cobram uma formação biológica sólida daquele psicólogo que busca compreender a consciência humana, naquilo que ela tem de mais próprio.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Referências

- Gusdorf, G. (1960). *Tratado de Metafísica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Luria, A.R. (1979). *Curso de Psicologia Geral* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lyotard, J.F. (1967). *A Fenomenologia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la Perception*. Paris: N.R.F..
- Piaget, J. (1973). *Biologia e Conhecimento*. Petrópolis: Vozes.
- Piaget, J. (1975). *A Psicologia*. Lisboa: Livraria Bertrand.

¹ Endereço para correspondência: USP - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Departamento de Psicologia e Educação, Av. dos Bandeirantes, 3900 - 14040-901 Ribeirão Preto, SP.